

O Presidente da República,

R E S O L V E designar ERNESTO SILVA para exercer, interinamente, as funções de Presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal.

Rio de Janeiro, em 7 de Junho de 1956;  
135º da Independência e 68º da República.

Ernesto Kuler  
M. A. A.

PALÁCIO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Registrado no livro competente

*Ernesto Silva*

384

Estou aqui, num escritório rígido de Manhattan, sem violão e sem whisky, sem luar e sem a paisagem familiar aos meus olhos, e mesmo assim me deixei contagiar pela beleza de sua carta, pela manifestação de sua alma tão poética e pela sensibilidade que foi sempre o traço mais simpático e encantador de seu caráter.

Depois do quinto whisky a Granada<sup>6</sup> estremecia os nossos ouvidos com a beleza de sua voz.

As luzes que nós fizemos acender pela primeira vez no deserto brasileiro foram saudadas pela sua voz, pelos seus cantos e pela magia de suas serenatas.

Depois de dois anos de uma peregrinação triste e desalentadora, tenho ainda uma reserva de coragem para esperar dias melhores, e estes só virão quando tiver ao meu lado os meus velhos amigos que, como você, não deixaram apagar nunca a chama palpitante de uma amizade que é o meu maior tesouro e privilégio.

Muito obrigado por sua carta.

Vá conservando a voz para as noites que ainda nos aguardam diante desse céu imenso e profundo.

Cansel de evocar. Quero agora viver.

Espere-me para continuarmos o que a maldade dos homens quis interromper.

Um abraço muito afetoso do

Pro caso Albin  
Luz  
do  
R. S. S. V.

Juscelino

P  
X  
As instalações teriam sempre campo livre nas faixas verdes contíguas às pistas de rolamento. As quadras seriam apenas niveladas e paisagisticamente definidas, com as respectivas cintas plantadas de grama e desde logo arborizadas, mas sem calçamento de qualquer espécie nem meios-fios. De uma parte, técnica rodoviária; de outra, técnica paisagística de parques e jardins. Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade parque. Sonho arquissecular do patriarca.”

<sup>1956</sup> Já no dia seguinte da escolha do Plano Urbanístico de Lucio Costa (15/3/56), as máquinas sangravam o cerrado inóspito.

A Novacap, que construiu Brasília em três anos e um mês, entregou a cidade ao Brasil em 21 de abril de 1960, respeitado o projeto de Lucio Costa em todas as suas escalas, inclusive deixando pronta, como exemplo, uma Unidade de Vizinhança completa (até hoje a única existente).

Vejam como JK se preocupava com o Plano de Lucio Costa muitos anos antes do tombamento. Ele achava que haveria uma tendência a destruir o Plano se não houvesse mecanismos de defesa para mantê-lo.

JK, em 15 de junho de 1960 (menos de dois meses da inauguração da cidade) escreve este bilhete (encontrado no acervo de Lucio Costa) dirigido ao Presidente do IPHAN, Rodrigo de Melo Franco de Almeida:

“Rodrigo,

A única defesa para Brasília está na preservação do seu Plano Piloto.

Pensei que o tombamento do mesmo podia constituir elemento seguro, superior à lei que está no Congresso, sobre cuja aprovação tenho dúvidas.

Peço-lhe a fineza de estudar essa possibilidade, ainda que forçando um pouco a interpretação do Patrimônio.

Considero indispensável uma barreira às arremetidas demolidoras que já se anunciam vigorosas.

Grato pela atenção.

Abraço, JK”

15 de junho de 1960

Entretanto, com o afastamento, em 1961, do presidente Kubitschek e da equipe responsável pela construção da cidade, várias alterações começaram a comprometer o Plano, o que provocou, já em 12 de junho de 1963, uma observação de Niemeyer:

“Brasília está ficando uma cidade como as outras, pois o Plano Piloto de Lucio Costa está sendo totalmente desvirtuado”.

Em março de 1985, instala-se o governo José Aparecido.

Apreensivo com a voracidade dos especuladores do mercado imobiliário, que tentavam o aumento do gabarito nas superquadras, José